

A Percepção da Hospitalização pelos Adolescentes: Contribuições para o Cuidado de Enfermagem

The Hospitalization Perception by Adolescents: Contributions to Nursing Care

Percepción de la Hospitalización para Adolescentes: Contribuciones a la Atención de Enfermería

Maria Fabiane Galdino dos Santos^{1*}, Inez Silva de Almeida², Nathalia da Silva Pimentel Reis³, Dayana Carvalho Leite⁴, Helena Ferraz Gomes⁵, Andreia Jorge da Costa⁶

Como citar este artigo:

Santos MFG, Almeida IS, Reis NSP, et al. A Percepção da Hospitalização pelos Adolescentes: Contribuições para o Cuidado de Enfermagem. Rev Fund Care Online. 2018 jul./set.; 10(3):663-668. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i3.663-668>

ABSTRACT

Objective: The study's aim was to understand the adolescents' perceptions regarding hospitalization and also to analyze how adolescents experience the hospitalization process. **Methods:** It is a field study with a qualitative approach and descriptive method, which has used the interview technique with semi-structured questions, developed in a specialized nurses' ward in a university hospital in *Rio de Janeiro*, Brazil. Data collection period lasted from February to April 2016, where 14 adolescents within age group from 12 to 18 years old were interviewed. **Results:** From the grouped record units obtained, two categories were defined in relation to hospitalization, as follows: repercussions of the hospitalization process on adolescents' lives and forms of coping during hospitalization. **Conclusion:** It is concluded that nursing professionals need to know and understand the reality of the adolescent in order to offer a care capable of making them able to face both illness and hospitalization processes in a better way.

Descriptors: Adolescent, Nursing, Hospitalization.

¹ Enfermeira. Residente de Enfermagem em Saúde do Adolescente. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: fabianegaldino92@gmail.com.

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem UERJ. Chefe de enfermagem da atenção secundária do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente. Hospital Universitário Pedro Ernesto. Professora associada ao departamento Fundamentos de enfermagem UERJ. Faculdade de Enfermagem da UERJ. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: inezalmeida2016@gmail.com.

³ Enfermeira. Residente de Enfermagem em Saúde do Adolescente. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: natyspreis@oi.com.br

⁴ Enfermeira. Chefe de enfermagem da atenção terciária do núcleo de estudos da saúde do Adolescente. Hospital Universitário Pedro Ernesto, RJ, Brasil. E-mail: dayanaleite@hotmail.com

⁵ Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem pela UERJ. Professora assistente do departamento médico cirúrgica UERJ. Faculdade de Enfermagem da UERJ, RJ, Brasil. E-mail: helenafg1@yahoo.com.br

⁶ Enfermeira. Doutoranda em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida. Hospital Universitário Pedro Ernesto, RJ, Brasil. E-mail: andreiacoosta@msn.com

RESUMO

Objetivo: Compreender as percepções dos adolescentes frente à hospitalização e analisar como os adolescentes vivenciam o processo de hospitalização. **Métodos:** estudo de campo com abordagem qualitativa, método descritivo, utilizando a técnica de entrevista com perguntas semi-estruturadas, desenvolvido em uma enfermaria especializada em saúde do adolescente em um hospital universitário no Rio de Janeiro. O período de coleta de dados desenvolveu-se de fevereiro a abril de 2016, sendo entrevistados 14 adolescentes, com a faixa etária de 12 a 18 anos. **Resultados:** a partir das unidades de registros que foram agrupadas, definiram-se duas categorias frente à hospitalização: repercussões do processo de hospitalização na vida dos adolescentes e formas de enfrentamento durante a hospitalização. **Conclusão:** conclui-se que os profissionais de enfermagem precisam conhecer e compreender a realidade do adolescente para oferecer um cuidado capaz de fazer com que eles enfrentem melhor o adoecimento e a hospitalização.

Descritores: Adolescente, Enfermagem, Hospitalização.

RESUMEN

Objetivo: Conocer las percepciones de los adolescentes en el hospital y examinar cómo los adolescentes experimentan el proceso de hospitalización. **Métodos:** Estudio de campo con enfoque cualitativo, método descriptivo, utilizando la técnica de entrevista con preguntas semiestructuradas, desarrollado en una sala especializada para la salud de los adolescentes en un hospital universitario de Río de Janeiro. El período de recolección de datos se desarrolló entre febrero y abril de 2016, y entrevistó a 14 adolescentes, el grupo de edad de 12-18 años. **Resultados:** A partir de los registros que se han agrupado unidades, se definieron dos categorías frente al hospital: el impacto proceso de hospitalización en la vida de los adolescentes y formas de hacer frente durante la hospitalización. **Conclusión:** se concluye que los profesionales de enfermería deben conocer y comprender la realidad de los adolescentes para proporcionar atención puede hacer que se enfrentan mejor la enfermedad y la hospitalización.

Descriptor: Adolescente, Enfermeira, Hospitalización.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase marcada por diversos conflitos, sendo considerado o período da vida com características próprias. É uma etapa de crescimento e desenvolvimento do indivíduo, em que ocorrem grandes transformações físicas, psíquicas e sociais.¹

Deve-se destacar, também, que a adolescência pode ser considerada uma construção sócio histórica, onde o ambiente no qual o adolescente está inserido influencia fortemente seus comportamentos, de acordo com os fatores socioeconômicos, políticos e culturais.²

O Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD) afirma que na adolescência, o processo de crescimento e desenvolvimento é fortemente influenciado pelos fatores genéticos, ambientais e também hereditários. Evidencia-se isto em vários aspectos somáticos, sendo eles: época do início da puberdade, a intensidade de determinadas características sexuais (pilosidade, tamanho de mamas, etc.) e a idade da menarca.³

A Organização Mundial da Saúde delimita a adolescência como a faixa dos 10 aos 19 anos de idade⁴, esta faixa etária também adotada no Brasil, pelo Ministério da Saúde.³ Entretanto, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 2º, considera o adolescente aquele indivíduo que possui entre 12 a 18 anos e assegura que o adolescente usufrua de todos os direitos essenciais para a sobrevivência do indivíduo, dentre eles, o direito à saúde. Desta forma, o ECA favorece em condições de liberdade e de dignidade, o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social.⁵

Desta forma, os adolescentes apresentam vulnerabilidades, em relação à população em geral, devido aos diversos fatores inerentes a esta fase da vida, como o crescimento físico, cognitivo e social. Nesse sentido, a vivência de uma hospitalização devido à situação de doença pode trazer efeitos traumáticos a sua evolução.⁶

O que pode levar a um processo de adoecimento agudo ou crônico que rompe o equilíbrio vital. Os efeitos da doença podem ter peculiaridades de acordo com cada faixa etária, mas de uma maneira geral os efeitos são a negação da doença, revolta, culpa, sensação de punição, ansiedade, depressão, projeção, solidão e regressão emocional.⁷

A doença irrompe a vida de forma incontrolável revelando algo inesperado: a hospitalização que traz alterações profundas na vida do paciente e de sua família, por ser uma vivência especialmente estranha, desconhecida e impactante para o paciente. Com a internação, o adolescente tem sua rotina rompida, seus hábitos anteriores transformados frente à nova realidade, passando, assim, a se ver obrigado a separar-se de seu ambiente familiar e de seus interesses momentâneos. Sua condição de dependência é reforçada, e pode ser sentida pelo paciente como agressão, pois sua rotina é substituída pela rotina hospitalar.⁷

O indivíduo pode vivenciar a hospitalização como perda, ruptura, separação, mudança das referências, o que traz prejuízo à sua noção de identidade e ocasiona mais sofrimento diante da possibilidade de ter sua autoimagem e autoestima alteradas.⁷

Para os adolescentes a experiência da hospitalização, pode causar danos emocionais que nem sempre são fáceis de serem exteriorizados. Portanto, como consequência podem apresentar um conflito interno, necessitando de um manejo adequado pela equipe de saúde que esteja prestando os cuidados.⁸

Durante a hospitalização do adolescente, o cuidado de Enfermagem implica em uma responsabilidade emocional e social envolvente e humanizante que permita identificar todas as necessidades do adolescente e da sua respectiva família.⁹

O sentido concedido ao processo de hospitalização pode ser compreendido por meio das percepções dos adolescentes hospitalizados.¹⁰

Diante disso, o presente estudo tem como objeto: a percepção da hospitalização pelos adolescentes internados em uma enfermaria de adolescentes; e como questão norteadora: Qual a percepção dos adolescentes internados acerca da hospitalização em uma enfermaria de adolescentes?

MÉTODOS

Estudo de campo com abordagem qualitativa, método descritivo, utilizando a técnica de entrevista com perguntas semi-estruturadas, desenvolvido em uma enfermaria de atenção terciária especializada em saúde do adolescente em um hospital universitário no Rio de Janeiro.

O período de coleta de dados desenvolveu-se de fevereiro a abril de 2016. Participaram 14 adolescentes, sendo 04 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Os critérios de inclusão utilizados para as entrevistas foram: serem adolescentes, de ambos os sexos, segundo a faixa etária de 12 a 18 anos, que não possuíssem déficit cognitivo, ou seja, que tivessem a capacidade de entender e responder as questões. Os critérios de exclusão foram: os adolescentes que não atenderam os critérios acima.

A faixa etária utilizada foi definida em concordância com a Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, que considera como adolescente a pessoa que possui entre doze e dezoito anos de idade.⁵

O roteiro de entrevista foi composto pelos seguintes questionamentos: como é ficar internado para você? O que você sente quando está internado? O que faz durante a internação?

A análise foi baseada na Análise de conteúdo, de Laurence Bardin, que é composta de 3 etapas: pré-análise, exploração do material, e tratamento dos dados e interpretação. Segundo esta autora a pré-análise é a fase de organização; a exploração do material se refere a fase de análise propriamente dita, onde é a realizada a aplicação sistemática das decisões tomadas; e o tratamento dos dados e interpretação é a fase em que os resultados são tratados de maneira a serem significativos e válidos.¹¹

Foram respeitados os critérios éticos que envolvem pesquisas com seres humanos, em conformidade com a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras das pesquisas envolvendo seres humanos.¹²

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com o parecer substanciado de número 1.360.422.

Os adolescentes com 18 anos participaram somente após a assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os entrevistados menores de 18 anos após a assinatura do Termo de Assentimento juntamente com o Termo de Consentimento assinado por seus respectivos responsáveis

legais. Todos os entrevistados e seus responsáveis foram anteriormente esclarecidos sobre a pesquisa e seus objetivos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Estudo foi composto por 14 entrevistas, tendo o seguinte perfil sociodemográfico descrito no quadro abaixo:

Quadro 1 – Perfil sociodemográfico dos adolescentes entrevistados. Rio de Janeiro/RJ, 2016

Características Sócio-demográficas		Nº	%
Sexo	Masculino	04	28,6
	Feminino	10	71,4
Idade	12 anos	02	14,3
	13 anos	00	0
	14 anos	06	42,9
	15 anos	02	14,3
	16 anos	01	7,1
	17 anos	02	14,3
	18 anos	01	7,1
Religião	Católico	04	28,6
	Protestante	08	57,1
	Não possui	02	14,3
Escolaridade	Ensino Fundamental	10	71,4
	Ensino Médio	04	28,6
Possui acompanhante	Sim	10	71,4
	Não	04	28,6
Doenças crônicas	Sim	10	71,4
	Não	04	28,6
Doenças Crônicas	Síndrome Nefrótica	05	50
	Anemia Falciforme	02	20
	Arterite de takayasu	01	10
	Lúpus	01	10
	Insuficiência renal Crônica	01	10

A partir das unidades de registros que foram agrupadas, definiram-se duas categorias frente à hospitalização: ucação em saúde a estes pacientes. No entanto alguns relataram não oferecer devido a inexistência de pacientes na Unidade Básica de Saúde, como mostra os relatos abaixo:

Categoria I – Repercussões do processo de hospitalização na vida dos adolescentes.

Pode-se inferir que os adolescentes possuem reações emocionais negativas e julgam o período da hospitalização como algo difícil de lidar ou possuem alguma insatisfação perante esse processo, no entanto, alguns conseguem entender a internação como algo importante para seu o tratamento. Observa-se que o processo de hospitalização é

doloroso e a ausência da família, dos amigos e até mesmo a mudança de rotina é percebida pelos adolescentes de forma desagradável e tornam a experiência mais penosa.

Eu tenho sentimento ruim, eu fico meio triste né? Porque se eu tô internado é porque eu tenho alguma coisa ruim, aí eu não queria ter, eu só queria está bem como muitos estão. (...) eu sinto falta da minha família, dos meus amigos que vão me visitar. (...) sinto falta da minha casa, de poder dormir na minha cama, de correr na rua, de poder ir pra rua brincar... muitas coisas. (A1)

(...) Agora tá sendo difícil ficar aqui, também presa sem poder ir na rua, mas eu sabendo que vou ficar internada para que eu saia daqui melhor, estou fazendo um esforço. (A2)

(...) foi ruim, eu não gostei (...) porque eu tive que botar sonda aqui (apontou para o nariz), sonda aqui embaixo, aí teve que botar um monte de coisa aqui no braço, negócio no dedo, aí teve que botar um monte de coisa aqui e uma máscara na cara. (A7)

Eu não gosto muito de ficar internada, ficar longe de todo mundo, eu estou longe de casa, mas eu sei que eu preciso... eu tenho que ficar né? Até melhorar. (A9)

É péssimo (...) eles ficam te furando toda hora, você fica sentindo dor, eles te dão remédio... É ruim. Também você fica longe da família, longe dos amigos, aí ninguém vem te visitar. (...) parece que as pessoas esquecem de você... Aí eu fico triste. (A10)

Categoria II – Formas de enfrentamento durante a hospitalização

A forma de enfrentamento mais citada pelos adolescentes foi assistir televisão e utilizar o aparelho celular (internet). Viu-se ainda, que havia uma interação com outros adolescentes hospitalizados, contudo havia momentos em que eles se isolavam e alguns declararam que desfrutavam da sala de convivência da unidade.

Jogo e assisto tv. (A3)

Dormir e tentar mexer no celular, assim sem internet. (A4)

Nada... só mexo no telefone, (...) assisto televisão só e fico fofocando (risos). (A5)

Ando... às vezes durmo, porque aproveito que não tem muita coisa pra fazer, converso aqui, faço amigos lá na sala de recreação, assisto tv pra passar o tempo. (A6)

Deito, durmo e mexo no celular e vejo tv. (A8)

(...) Fico na salinha, jogo, brinco, aí quando não tem nada pra fazer eu pinto, durmo, sei lá. (A13)

DISCUSSÃO

A partir dos resultados encontrados viu-se que os adolescentes consideram a vivência da hospitalização como um episódio desagradável e manifestam sua insatisfação recorrente ao período em que ficaram internados, inclusive aqueles que tinham consciência de que a internação é necessária para a sua recuperação e melhora da saúde. Diante disto, deve-se valorizar os sentimentos dos adolescentes, visto que os mesmos podem influenciar no seu desenvolvimento e formação como ser humano adulto.⁶

Considera-se que a hospitalização gera alguns sentimentos desagradáveis, como por exemplo: a dependência, a inferioridade e a insegurança, assim também como o medo do desconhecido.¹³

Acredita-se que a auto compreensão e a autoestima dos adolescentes são determinadas pelos sentimentos e emoções que cada um vivencia durante a fase da adolescência. Sendo assim, a hospitalização pode condicionar não só a sua experiência no hospital como também a sua evolução.⁶

Sabe-se também que a hospitalização traz um novo cotidiano para o adolescente, trazendo-lhe uma perda da liberdade, individualidade, perda do poder de escolha e o poder de tomar suas próprias decisões sobre sua vida e também sobre seu corpo, além de sofrer com os procedimentos dolorosos e invasivos a que são submetidos.¹⁴

Neste sentido, considera-se que as percepções negativas encontradas durante a pesquisa, no contexto da hospitalização dos adolescentes, podem influenciar negativamente a vida deles e o seu desenvolvimento, tendo em vista que essa etapa da vida já os tornam vulneráveis.

Por este motivo, ao prestar assistência aos adolescentes hospitalizados, os profissionais de enfermagem devem conhecer as particularidades da adolescência, as reações próprias a ela e as reações oriundas da patologia – tanto as reações fisiopatológicas quanto as psicossociais.

Evidenciou-se que poucos adolescentes possuem condições de entenderem a hospitalização como necessária à sua saúde e que se esforçam para enfrentar esse processo. Supõe-se que estes adolescentes possuem a capacidade de transformar essa hospitalização em algo que ele pode extrair significados positivos no futuro, como por exemplo, da possibilidade da cura, da interação com outros adolescentes, do vínculo com os profissionais que prestam cuidados e os assistem e a sua família.¹⁵

Através dos depoimentos, consegue-se observar que apesar dos adolescentes terem o direito a acompanhantes e a visitas diárias, os mesmos relataram sentirem a ausência da família, dos amigos e de seus hábitos diários. Durante a

hospitalização, o adolescente torna-se obrigado a se afastar do seu vínculo familiar, do seu grupo de amigos e suas atividades diárias e passa a ter que lidar com um ambiente diferente. É impossibilitado muitas vezes de fazer tarefas rotineiras, praticar esportes e com limitações na dieta impostas pela doença e pela hospitalização.¹⁵

Apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 12º assegurar aos adolescentes o direito de ter o acompanhamento de um dos pais ou responsável legal em tempo integral durante a hospitalização⁴, a liberação de visitas fora do horário de rotina vai depender da concessão dos profissionais de cada unidade hospitalar. A equipe de saúde possui o poder de disponibilizar um horário viável para os amigos e familiares que não têm como comparecer durante o horário estabelecido, pois de uma maneira geral, eles não podem visitá-los durante a semana em horário estabelecido pelo hospital.^{8,9,16}

A Política Nacional de humanização propõe como diretriz específica à atenção terciária a “garantia de visita aberta por meio da presença do acompanhante e de sua rede social, respeitando a dinâmica de cada unidade hospitalar e as peculiaridades das necessidades do acompanhante”.^{17,15}

Além disso, acredita-se que na hospitalização exista a necessidade de uma reorganização familiar, devido ao fato dos membros terem que se estruturar para manter o adolescente acompanhado, sem prejudicar o cotidiano dos demais familiares. Enfatizando também que a hospitalização pode aumentar o distanciamento causado pelo processo de adolecer ou também pode reaproximar a família.¹⁶

Com a hospitalização o adolescente apresenta sentimentos de solidão e sente-se desamparado, principalmente nos momentos de dor, comuns ao cotidiano hospitalar e quando não tem acompanhante, o jovem se defronta com a solidão, ratificando assim a importância da equipe em observar se estes adolescentes têm-se mantido acompanhados durante o período da internação.¹³

Cabe a equipe multidisciplinar, inclusive ao enfermeiro, a responsabilidade de envolver a família do adolescente, assim também como ajudar o adolescente a compreender todo o processo e adquirir autocontrole para facilitar o envolvimento na resolução dos problemas.⁹

Considerando que a enfermagem é a equipe que presta assistência aos adolescentes durante as 24 horas, julga-se então que esta é fundamental na identificação dos problemas de saúde que vão além da doença e no direcionamento para os demais profissionais de saúde especializados, devendo então ser vista então como um elo essencial entre o adolescente e os demais profissionais de saúde.¹⁸

Desta forma, durante a hospitalização dos adolescentes, a enfermagem tem um papel fundamental de escuta, de acolhimento e de resolutividade nas situações de conflitos dos adolescentes, assim também como acompanhar essa família durante todo o processo.¹⁶

Outro achado importante foi que a maioria dos adolescentes declarou que utilizava a tecnologia como

distração durante a hospitalização, mostrando o quanto o avanço tecnológico é evidente na vida deles e o quanto influencia nas novas formas de relações sociais.

Atualmente, os adolescentes utilizam diariamente uma impactante quantidade de tempo em aparelhos de mídia e comunicação, alguns celulares permanecem conectados às mídias por 24 horas.¹⁹

É fundamental destacar que especificamente a televisão, desempenha um papel considerável na comunicação sobre os acontecimentos na sociedade e também incentiva os adolescentes a reproduzirem as práticas a que assistem. As informações e os valores que a mídia veicula inspira o comportamento de muitos jovens e adolescentes.²⁰

Dentre outros sentimentos vividos pelos adolescentes durante a hospitalização, está a dificuldade de ocupar o tempo com outras atividades e o fato de se sentirem presos na Unidade.¹⁴

Neste sentido, acredita-se que as mídias e a internet têm se tornado ferramentas importantes para os profissionais de saúde e para as pessoas envolvidas no processo saúde e doença do adolescente, contribuindo de maneira positiva para o enfrentamento da doença, seja por meio das redes sociais ou através de conteúdos disponibilizados relacionados à saúde.²¹

Considera-se que os profissionais de saúde devem estimular o convívio entre os adolescentes, evitando o isolamento ocasionado pela nova realidade virtual. Assim também, é importante que estejam atentos aos adolescentes no uso saudável das tecnologias.

Deste modo, acredita-se também que é imperioso que a equipe de enfermagem capte as necessidades assistenciais de cada adolescente, através de suas falas e a partir de sua relação com o adolescente hospitalizado, intensificar a aproximação e desenvolver laços de confiança mútua.

Os profissionais de enfermagem devem desenvolver o cuidado utilizando os princípios da humanização e avaliar suas ações não só pelo olhar técnico, mas também refletindo sobre a possibilidade de desenvolver atividades com o grupo, a fim de gerar práticas promotoras do seu bem-estar, levando à melhoria da saúde dos adolescentes.²²

O cuidado deverá ser com uma ótica voltada aos adolescentes, a fim de que estes expressem suas necessidades, que muitas vezes vão além do aspecto biológico. Percebe-se que os fatores psicossociais implicam diretamente na recuperação da saúde e no crescimento e desenvolvimento dos adolescentes. Esses fatores necessitam ser reconhecidos e compreendidos pelos profissionais com o intuito de propiciar contribuições para a melhoria da qualidade da atenção prestada.⁸

CONCLUSÃO

Através deste estudo, conclui-se que é fundamental que os profissionais de enfermagem entendam que esta vivência acarreta vários sentimentos negativos, tais como, tristeza, ansiedade, tédio e insatisfação, assim como também a

mudança no cotidiano, a separação da família e dos amigos, o que dificulta a aceitação dos adolescentes em relação a esse período, entretanto, com a orientação necessária, estes possuem a capacidade cognitiva de compreender a hospitalização como necessária a sua recuperação.

Estima-se que dar atenção as falas dos adolescentes sem delimitar o tempo e sem fazer julgamentos, reconhecendo-o como membro principal da assistência e observando suas necessidades são cuidados de enfermagem.

Com isso, os profissionais de enfermagem precisam conhecer e compreender a realidade do adolescente para oferecer um cuidado capaz de fazer com que eles enfrentem melhor o adoecimento e a hospitalização. Isto requer um olhar atento por parte da equipe de enfermagem, com a finalidade de proporcionar uma hospitalização segura, através da abordagem humanizada.

REFERÊNCIAS

1. Secretaria de Saúde (SP), Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde- CODEPPS. Manual de atenção à saúde do adolescente. São Paulo: SMS; 2006. 328p.
2. Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Orientações básicas de atenção integral à saúde de adolescentes nas escolas e unidades básicas de saúde. 1ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2013.
3. Ministério da Saúde (BR), Secretaria Executiva, Coordenação da Saúde da Criança e do Adolescente. Programa Saúde do Adolescente (PROSAD): Bases Programáticas. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde; 1996. 32p.
4. OMS (Organização Mundial da Saúde). Health for the World's Adolescents: A second chance in the second decade. Geneva: oms; 2014
5. BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 8ª Edição – Brasília: Câmara dos Deputados. Edições Câmara; 2011. 171p. (Série legislação; n. 65) [Atualizada em 13/10/2011 ISBN 978-85-736-5817-0]
6. Afonso SFM, Jorge AM. Vivências do Adolescente em Ambiente de Cuidados de Saúde Pediátricos [dissertação de mestrado]. Guarda: Escola Superior de Saúde Instituto Politécnico da Guarda; 2014 [acesso em 28 Jul 2015]. Disponível em: < <http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/2054/1/E%20SIP%20-%20Nelma%20Susana%20Fortuna%20Martins%20Afonso.pdf> >
7. Honicky M, Silva RR. O adolescente e o processo de hospitalização: percepção, privação e elaboração. *Psicol. Hosp.* [periódico na Internet]. 2009; 7(1): 44-67. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092009000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 nov. 2016.
8. Gomes ILV, Queiroz MVO, Bezerra LLAL, Souza NPG. A hospitalização no olhar de crianças e adolescentes: sentimentos e experiências vivenciadas. *Rev. Cogitare Enfermagem.* 2012 out/dez;17(4): 703-9.
9. Lino IMBS, Pissarra PCVL. O Adolescente e a Vivência da Hospitalização [dissertação de mestrado]. Guarda: 2013 [acesso em 28 Jul 2015]. Disponível em: < <http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/1487/1/E%20SIP%20-%20Isabel%20Maria%20Barroca%20dos%20Santos%20Lino.pdf> > .
10. Abreu M, Azevedo AIM. O adolescente hospitalizado numa Unidade de Adolescentes: como facilitar a transição?. *Rev. Adolesc. Saude.* 2012 jul/set; 9(3): 21-8.
11. Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2010.
12. Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União* 13 jun 2013; Seção 1 [acesso em 28 jul 2015]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.
13. Almeida IS, Rodrigues BMRD, Simões SMF. Desvelando o cotidiano do adolescente hospitalizado. *Rev. bras. enferm.* 2005 abr; 58(2): 147-51.
14. Azevedo A. Processo de transição do adolescente hospitalizado numa unidade de adolescentes [dissertação de mestrado]. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto; 2010 [acesso em 28 jul 2015]. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26622/2/Processo%20de%20transio%20do%20adolescente%20hospitalizado%20numa%20Unidade%20de%20Adolescentes.pdf>
15. Costa JS, Santos MLSC. Grupo de adolescentes hospitalizados com doença crônica não transmissível como tecnologia de cuidado em enfermagem. *Rev. enferm. UFPE* [on line]. 2016 fev; 10(2):508-14 [acesso em 06 out 2016]. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/8917/14226>.
16. Almeida IS, Ribeiro IB, Rodrigues BMRD, Simões SMF. Hospitalização do adolescente e a participação familiar. IN: *Aben. Programa de Atualização em Enfermagem Saúde da Criança e do Adolescente (PROENF)*. Porto Alegre: Artmed; 2008. p. 109-34.
17. Ministério da Saúde (BR), Secretaria Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 19p.
18. Gianinni DT, Silva NMS, Aquino JHW, Kuschnir MCC, Câmara SA, Paz AF, et al. O exercício da prática interdisciplinar na atenção integral à saúde dos adolescentes hospitalizados. *Adolesc. Saude.* 2013 abr/jun; 10 (2): 67-72.
19. Furlan, GV. A influência da tecnologia e ambientes midiáticos na qualidade de vida em adolescentes de 15 e 16 anos em Piracicaba-SP. [dissertação]. Piracicaba: Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – USP; 2015.
20. Beserra EP, Sousa LB, Alves MDS, Gubert FA. Comunicação e mobilidade: modelo de vida como mediador de diálogo com adolescentes. *Rev.de Políticas Públicas.* 2015 jan/jun;14 (1):15-21.
21. Santos GS, Tavares CMM, Ferreira RE, Pereira CSF. Rede social e virtual de apoio ao adolescente que convive com doença crônica: uma revisão integrativa. *Aquichan.* 2015; 15 (1):60-74.
22. Costa CCP, Vieira MLC, Almeida IS, Ribeiro IB, Simões SMF. A hospitalização do adolescente: vivências do acompanhante familiar à luz da hermenêutica heideggeriana. *Rev. pesq.: cuid. fundam.* online. 2010 out/dez; 2(Ed. Supl.):545-9.

Recebido em: 30/11/2016

Revisões requeridas: Não houveram

Aprovado em: 07/02/2017

Publicado em: 05/07/2018

***Autor Correspondente:**

Maria Fabiane Galdino dos Santos

Estrada General Afonso de Carvalho, 09,

Padre Miguel, Rio de Janeiro, RJ, Brazil

E-mail: fabianegaldino92@gmail.com

Telefone: +55 21 98795 9125

CEP: 21725 020